

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2013

A RELAÇÃO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTO DE ESCOLA DO CAMPO.

Soeli Terezinha Kuchinski Ferreira¹

Nívea Rohling²

RESUMO

O objetivo do presente artigo é apresentar a análise de uma elaboração didática do gênero entrevista pingue-pongue desenvolvida com turma de alunos do 9º ano B, em contexto de escola do campo. A elaboração didática teve o propósito de possibilitar reflexões sobre os aspectos sociolinguísticos da linguagem tanto na modalidade oral como na escrita. A partir dessa reflexão, foi possível observar as especificidades dos usos linguísticos a partir de determinados contextos da comunicação e, desse modo, também valorizar a variante local dos alunos do campo.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Gênero entrevista pingue-pongue.

1. Professora da Rede Estadual de Ensino, participante do PDE 2013, com formação em Letras: Português/Inglês pela UNOESTE e com especialização em Metodologia da Língua Portuguesa e Psicopedagogia.

2. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora Adjunta I da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba/PR.

INTRODUÇÃO

Nos estudos linguísticos contemporâneos, a relação entre a oralidade e a escrita é compreendida em forma de *continuum* das práticas sociais de produção textual (oral e escrita) e não como se concebia tradicionalmente, dicotomizando as duas práticas discursivas (MARCUSCHI, 2010). De acordo com o autor, “na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários” (Marcuschi 2010, p. 22). Vale ressaltar aqui a importância de avaliar o contexto social quanto à situação de uso de ambas as práticas que precisa ser entendida como práticas sociais, culturais interativas e complementares e que há diferentes formas de utilizá-las.

Tais reflexões em torno da oralidade e da escrita se mostram relevantes no contexto de escola do campo, em que a oralidade e a escrita são práticas discursivas dos alunos, mobilizadas a fim de relatar as situações vividas em seu cotidiano, expor as suas ideias, defender o seu ponto de vista e argumentar. Nessas interações discursivas, há o uso de diferentes variedades linguísticas específicas da comunidade do campo que devem ser entendidas pelos sujeitos implicados, como mais uma das variantes da língua materna, portanto, sendo valorizada e respeitada. Essas práticas discursivas acontecem quando há interação entre os sujeitos que contribuem para o enriquecimento sociocultural no contexto em que o aluno está inserido e permite a construção de diferentes maneiras de entender a comunicação tanto na forma oral como escrita.

A fim de discutir as relações entre a oralidade e a escrita, problematizando os usos linguísticos em contexto de escola do campo, foi proposta uma elaboração didática do gênero entrevista pingue-pongue a partir de seis oficinas que focalizaram o trabalho com as práticas de leitura, a produção de textos (orais e escritos) e de análise linguística do referido gênero. A opção pelo trabalho com a entrevista pingue-pongue se deu em virtude de sua especificidade, já que é um gênero potencializador para o ensino e aprendizagem das práticas de linguagem em sala de aula, pois a sua produção e circulação envolvem a oralidade (na entrevista face a face), a leitura de outros textos, a produção textual escrita a partir da retextualização

da entrevista realizada face a face e, por fim, a análise linguística que ocorre por meio do trabalho de retextualização. A partir disso, os alunos puderam desenvolver uma maior percepção dessa relação (entre oralidade e escrita), cujas diferenças e semelhanças, muitas vezes, não são observadas por eles.

Assim, a fim de relatar essa experiência didática, o presente artigo se organiza da seguinte forma: a) apresentação de conceitos teóricos que sustentaram a prática docente; b) relato da elaboração didática da entrevista pingue-pongue em contexto de Escola do Campo; c) análise de produção dos alunos; d) considerações finais.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo tem uma ancoragem teórico-metodológica nos estudos de Marcuschi (2010), que tematiza a discussão sobre a oralidade e a escrita; no estudo do gênero entrevista pingue-pongue, elaborado por Silva (2009); nos procedimentos teórico-metodológicos para a elaboração didática de gêneros discursivos, propostos por Rodrigues (2008) e Silva (2011); na noção de retextualização de textos discutidos por Marcuschi (2010); na concepção de língua (oral e escrita) apresentada como conteúdo de ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (2008); o conceito de gênero proposto por Bakhtin (2003).

1.1. A RELAÇÃO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA

A oralidade e a escrita são práticas discursivas inerentes a diferentes contextos sociocomunicativos. É no ambiente familiar que a criança tem o seu primeiro contato com a língua oral por meio de interações sociodiscursivas que acontecem naturalmente em seu cotidiano. O domínio dessas práticas discursivas é importante para que a criança possa construir e produzir o seu conhecimento e, assim, participar e interagir na sociedade de forma ativa, exercendo plenamente a cidadania.

No tocante às relações entre a oralidade e a escrita, segundo Marcuschi (2010, p. 17), “a oralidade não é superior à escrita, mas as duas são inter-relacionadas entre si”, isto é, as duas modalidades da língua possuem especificidades próprias de cada prática – oral e escrita - e são importantes para a construção de textos coesos e coerentes. O autor também afirma que as práticas discursivas – oralidade e escrita – “não são dicotômicas”, que uma não é o oposto da outra, mas um *continuun*.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 36), “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa”. Por isso que, desenvolver diversas práticas discursivas tanto orais como escritas, possibilita a compreensão das intrínsecas relações entre essas modalidades da língua e, por conseguinte, amplia dessa forma as competências linguísticas do aluno.

Segundo o autor (2010, p. 36), a oralidade é “fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos”, pois é por meio dessa prática discursiva que o indivíduo enriquece a sua comunicação numa troca de experiência na sociedade. Já a escrita, conforme Marcuschi, “não serve como fator de identidade individual ou grupal” porque é elaborada em uma variante que exige mais padronização, isto é, há muitas regras que envolvem essa modalidade da língua.

A oralidade e a escrita são práticas que o aluno desenvolve para relatar as situações vividas em seu dia a dia, no qual envolve a sua variedade linguística que deve ser entendida pelo aluno do campo, como mais uma das variantes da língua materna. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (DCEs, 2008), a oralidade e a escrita são conhecimentos linguísticos do aluno que precisam ser valorizados e respeitados, pois apresentam diferenças entre si. Essas práticas discursivas acontecem quando há interação entre os sujeitos que contribuem para o enriquecimento sociocultural no contexto em que o aluno está inserido e permite a construção de diferentes maneiras de entender a comunicação tanto na forma oral como escrita.

O documento oficial ressalta a importância de se trabalhar com as práticas discursivas da oralidade e da escrita no ambiente escolar porque é na escola que os alunos vão desenvolver as suas habilidades e aprimorar o seu conhecimento.

1.2. AS ESPECIFICIDADES DO GÊNERO ENTREVISTA PINGUE-PONGUE

Para o desenvolvimento do presente trabalho partimos da noção de gênero elaborado pelo Círculo de Bakhtin: “na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação” (2003, p. 36). Ou seja, os sujeitos interagem por meio dos gêneros nas variadas situações de comunicação discursiva. Bussarello (2004, p. 39) afirma que é “no gênero do discurso que a palavra ganha certa expressão típica. A expressividade surge somente no processo de seu emprego em um enunciado concreto”.

A partir dessa concepção de gênero, como um construto histórico e concreto, podemos discorrer sobre o gênero entrevista pingue-pongue (objeto da elaboração didática aqui relatada). O termo “entrevista” é polissêmico, pois, segundo Silva (2009, p. 59), “remete a diferentes gêneros do discurso de esferas sociais diferentes”. Conforme a autora - “entrevista” - “pode designar diversas interações sociais e suas respectivas finalidades interativas, caracterizando gêneros diferentes, todavia reunidos sob a mesma terminologia”. Desse modo, há diferentes gêneros nomeados de entrevista, como, por exemplo: a entrevista face a face, a entrevista de rua (enquete), entrevista de emprego, entrevista televisiva, entrevista com o médico, entrevista pingue-pongue, entre outras.

De modo geral, no que se refere às regularidades desse gênero, destaca-se o seu objetivo discursivo que é evidenciar o posicionamento do entrevistado acerca de determinado tema ou evento de relevância social. Esse entrevistado geralmente é um indivíduo que tem certo reconhecimento social ou domínio de determinado tema, que é reconhecido por determinado grupo social.

Na elaboração didática aqui apresentada, optou-se trabalhar com entrevista pingue-pongue, do jornalismo, tendo em vista as amplas potencialidades do gênero para desenvolver um trabalho articulado com as práticas de leitura, escrita e a análise linguística, além da ampla circulação desse gênero nas mídias impressas e digitais.

Do ponto de vista da organização textual, a entrevista pingue-pongue organiza-se em forma de pergunta e resposta. Por isso na esfera do jornalismo, foi nomeada como pingue-pongue.

De acordo com Silva (2011, p. 4):

A entrevista pingue-pongue constitui-se a partir da edição/reenunciação da interação direta (face a face) entre entrevistado e entrevistador que foi gravada ou registrada em forma de anotações, e, mais recentemente, realizada através de *e-mail*. A partir dessa interação, no processo de reenunciação e retextualização final da entrevista face a face, há uma modalização da fala do entrevistado, isto é, a sua fala é um discurso citado dentro da fala do entrevistador que dá o acabamento ao enunciado (a entrevista).

Pela caracterização aqui apresentada é possível dizer que, em uma elaboração didática, o gênero entrevista pingue-pongue é produtivo para o trabalho didático tendo em vista que possibilita aos alunos práticas de leitura, produção escrita, revisão e retextualização do que foi falado (entrevista face a face) e escrito.

A seguir, apresentamos o processo de elaboração didática realizada junto a um grupo de alunos do 9º do ensino fundamental em contexto de escola do campo.

2. RELATO DA ELABORAÇÃO DIDÁTICA DA ENTREVISTA PINGUE-PONGUE EM CONTEXTO DE ESCOLA DO CAMPO

A elaboração didática do gênero entrevista pingue-pongue foi realizada com base em Rodrigues (2008, p. 173-174), que propõem os seguintes passos metodológicos para o trabalho com os gêneros do discurso:

- Pesquisa o gênero do discurso;
- Seleção de textos do gênero a ser trabalhado;
- Prática de leitura do texto como enunciado (se colocar como interlocutor do texto em foco);
- Prática da leitura estudo do texto e do gênero;
- Prática da produção textual;
- Prática de revisão e reescritura de textos.

A elaboração didática foi efetivada por meio de 06 oficinas. Na oficina 01, inicialmente foi feita uma contextualização sobre o projeto a ser desenvolvido, na sequência, iniciou-se a primeira prática de leitura. Para tanto, foram disponibilizados exemplares de textos de entrevistas, reportagens e vídeo para trabalhar a diferença dos gêneros discursivos intitulados de entrevistas. Também foi realizado um debate sobre a variedade linguística apresentada no texto oral (vídeo).

Na oficina 02, já em uma prática de leitura analítica, foi realizada uma comparação entre as regularidades discursivas, textuais e linguísticas do gênero entrevista face a face do gênero entrevista pingue-pongue. Observaram-se comparativamente os seguintes aspectos: a posição do entrevistado frente ao assunto abordado; o papel do entrevistador que é o de intervir no momento certo, ouvindo com atenção o relato do entrevistado; o suporte em que o gênero é publicado; público leitor; por que o gênero recebe o nome de pingue-pongue e o processo de retextualização da entrevista face a face (como discurso citado em reportagem ou notícia ou entrevista pingue-pongue).

Na oficina 03, tendo em vista os processos de leitura realizados anteriormente, os alunos já tiveram condições de reconhecer as regularidades mais salientes na materialidade do texto da entrevista pingue-pongue, tais como: o título, o subtítulo, o olho¹, a fotografia, o texto de apresentação do entrevistado, a estrutura textual em forma de perguntas e as respostas. A partir da leitura de uma entrevista que tematizava a história de vida de uma mulher na esfera política no Afeganistão², foi realizada uma enquete em sala de aula sobre o papel da mulher na sociedade que posteriormente foi apresentada à turma.

Quanto à oficina 04, foi realizada uma pesquisa no Laboratório de Informática sobre o gênero entrevista pingue-pongue, publicado em revistas on-line. Para isso, foi apresentada uma tabela com tópicos referentes às regularidades desse gênero, e se analisou a esfera sociodiscursiva, o suporte, a dimensão verbal, o tema e a finalidade do gênero entrevista pingue-pongue. O resultado da pesquisa foi apresentado em sala de aula, seguido de debate.

As diferentes variedades linguísticas, um dos objetivos do projeto inicial, foram exploradas na oficina 05, a partir da análise da linguagem e as marcas da oralidade presentes nos textos, que se caracterizam por uso de pausas, correções e improvisos presentes nos textos trabalhados.

¹ Olho no jornalismo é entendido como a frase mais importante dita pelo entrevistado no momento da entrevista face a face e que, ao fazer a retextualização para a entrevista pingue-pongue, o jornalista coloca em destaque.

² Fawzia Koof: “O Talibã tentou me matar várias vezes”. Por Rachel Costa, ISTOE de 4 de julho de 2012, edição 2225. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/217859_O+TALIBA+TENTOU+ME+MATAR+VARIAS+VEZES+>. Acesso em 04 de dezembro de 2013.

Na oficina 06, estudou-se o Documento Oficial que diz respeito aos direitos autorais para a publicação escrita e on-line das entrevistas. Discutiu-se a produção do gênero para escolha de temas e de entrevistados. Após a leitura e estudo do gênero partimos para o momento da produção textual. Como a entrevista pingue-pongue “nasce” de uma entrevista face a face, iniciamos com a elaboração da entrevista face a face, que foi gravada pelos alunos e feita a retextualização para a entrevista pingue-pongue.

Os alunos manifestaram a opção por realizar as entrevistas com professores e funcionários da própria escola. Partiu-se então para a formulação das perguntas que seriam feitas no momento da entrevista face a face, com temas sobre: “A fundação do Colégio Dr. Caetano Munhoz da Rocha”, “O cultivo da horta domiciliar”, “A criação de frango (granja)”, “O trabalho com a Língua Inglesa em escola do campo”, “A prática de esportes na escola” e “A saída do trabalho no campo para o serviço público”. A partir disso, os alunos reescreveram as questões e partiram para a entrevista face a face, e, posteriormente para retextualização da entrevista face a face (modalidade oral) para a entrevista pingue-pongue (modalidade escrita). A maior dificuldade apontada pelos alunos foi o processo de retextualização da entrevista face a face. Eles transcreveram a entrevista face a face na íntegra e, a partir daí, fizeram as adequações necessárias. Só então, entenderam que o texto sofreria algumas adaptações e cortes importantes para que ficasse claro e coeso, tirando assim, as marcas da língua oral e redigindo o texto na variante culta da modalidade escrita, que foi uma opção dos alunos do campo, visto ser a variante que a escola ensina e que predomina em nossa sociedade, mas sem depreciar a variante da comunidade local. Após a retextualização da entrevista pingue-pongue, os alunos enviaram os textos aos entrevistados para leitura e modificações.

A veiculação do texto se deu por meio de apresentação do trabalho desenvolvido a outras turmas e disponibilizando a entrevista pingue-pongue na biblioteca da escola. A circulação dos textos é uma prática produtiva, tendo em vista que os alunos se sentem valorizados ao atingirem um maior número de leitores, além da professora.

Salientamos que o todo processo de produção do texto foi realizado a partir da orientação/mediação da professora regente, ancorada em uma postura dialógica

que propõe um trabalho de negociação e reescrita dos textos produzidos. Ao avaliar o processo em seu conjunto, é possível dizer que o trabalho com o gênero entrevista pingue-pongue foi bastante produtivo. Isso porque possibilitou discussões sobre o tema selecionado pela equipe, exigindo que, tanto no oral como no escrito, os alunos do campo se organizassem de forma a ouvir o outro, formassem as perguntas e retextualizassem o texto observando a variante culta da língua na modalidade escrita.

No entanto, se percebeu que os alunos apresentam ainda muita dificuldade em elaborar o texto e realizar a retextualização.

3. ANÁLISE DA PRODUÇÃO ESCRITA

Realizamos a elaboração da entrevista pingue-pongue no 9º ano B, do Colégio Estadual do Campo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, na localidade de Pangaré, com um grupo de 14 alunos, tendo como base os aspectos teórico-metodológicos apresentados até aqui.

Mediante a elaboração didática aqui relatada, realizamos uma análise de alguns textos (entrevistas) produzidos pelos alunos a fim de observar a compreensão dos alunos no que se refere às regularidades discursivas, textuais e linguísticas do gênero.

A partir de um trabalho de análise e reescrita, é possível observar apropriação do gênero por parte dos alunos, conforme fragmento a seguir:

Texto 1 – 1ª versão do texto.

Júlio – *Professor, como é dar aula de Educação Física em escola do campo e com pouca infraestrutura?*

Jaime – *Nois temo que pensar assim, primeiro duas linha de trabalho a questão da escola do campo, primeiro momento, respeitar o aluno, o que ele traz de assunto para dentro de sala de aula e assim ensina disto junto com a equipe pedagógica, junto com o plano de trabalho de vocês e da escola, a questão da infraestrutura é assim, hoje ela esta diretamente ligada a todas conclusões da escola, a questão da*

biblioteca, do laboratório, a questão de água potável e infraestrutura de quadra que vocês sofrem muito com isto, então tudo isso num contexto geral, atrapalha relativo ao processo educacional, lógico que também pois tem que ver assim com o passar de alguns anos, tem melhorado em muito, por exemplo o fato da tecnologia, pois tínhamos internet alguns tempos atrás e hoje temos internet não é de ponta, mais temos internet na nossa escola, a nível de pesquisa, ta faltando no nosso colégio: laboratório de física, química, existe o projeto. Então a infraestrutura ela querendo ou não acaba influenciando nesses resultados principalmente a proposta do governo as provas que vocês fazem muitas vezes esses resultados são negativos e um desses fatores que acaba prejudicando a atividade, lógico que com o passar do tempo vai melhorar. (Os nomes utilizados na entrevista são fictícios).

O primeiro aspecto a se ressaltar é a apropriação aproximada do gênero entrevista pingue-pongue no que diz respeito ao aspecto textual, uma vez que apresentam o texto em formato de pergunta e resposta. Além disso, há uma parte do texto que se mostra bastante autoral; trata-se do texto de apresentação do entrevistado elaborado pelos alunos como se verifica a seguir:

A entrevista com o Jaime, ele tem 42 anos. O assunto é sobre a quadra da escola, e sobre a sua profissão dele ele trabalha como: eletrecista, Pedreiro, carpintero e etc...

Esse fragmento refere-se à parte do texto escrita de forma integral pelo autor da entrevista pingue-pongue mediante pesquisa prévia. Com relação apresentação do entrevistado observamos que os alunos mostraram certa dificuldade na elaboração do texto, onde foi necessário esquematizar algumas questões juntamente com a turma, tais como: “quem é o entrevistado” (nome completo, idade, tempo de trabalho na escola, outras atividades que exerce fora da educação) e “o assunto que foi abordado”.

No processo de retextualização, foi necessário reler as entrevistas analisadas, a fim de observar como se organiza discursivamente e textualmente esse texto. Os alunos perceberam que a distribuição do texto em sua primeira versão, não atendeu a estrutura textual do gênero em estudo, pois a introdução foi colocada no fim da

entrevista pingue-pongue. Observamos também a dificuldade no uso dos elementos coesivos, bem como a ausência de pontuação adequada no texto.

A seguir temos o texto em seu formato final.

Texto 2 – Última versão do texto de apresentação.

O ESPORTE REALIZADO NO CAMPO

JÚLIO LIMA

***Jaime de Souza**, 42 anos, trabalha no Colégio Estadual do Campo Dr. Caetano Munhoz da Rocha. É professor de Educação Física e Diretor Auxiliar. Falou sobre mudanças ocorridas na escola e em sua vida profissional.*

JÚLIO – Professor como é dar aula de Educação Física em escola do campo e com pouca infraestrutura?

JAIME – Nós temos que pensar na linha de trabalho. A questão de ser uma escola do campo, num primeiro momento, devemos respeitar o aluno, o que ele traz de conhecimento para a sala de aula e, em cima disso, junto com a equipe pedagógica e com o plano de trabalho do professor, desenvolver um trabalho que atenda a aprendizagem do aluno. Quanto à infraestrutura da escola, hoje ela está diretamente ligada a todas as repartições, como: biblioteca, laboratório, sala multifuncional, a questão de água potável, a quadra que os alunos sofrem muito por ainda não ser coberta. Então num contexto geral, atrapalha o processo educacional. Claro que com o passar de alguns anos, tem melhorado muito, por exemplo: o fato da tecnologia, pois não tínhamos internet alguns anos atrás e hoje a temos, não é de ponta, mas temos.

JÚLIO – A quadra da escola não é coberta. E nos dias de chuva como o senhor faz?

JAIME – Nós trabalhamos jogos de salão dentro da sala de aula, também a parte teórica das modalidades, as regras, as adaptações que envolvem os conteúdos da disciplina. Isso tudo já está previsto em nosso PTD - Plano de Trabalho Docente

JÚLIO – Além de ser professor, o senhor é diretor auxiliar do Colégio Dr. Caetano. Como se sente atuando em duas funções tão distintas?

JAIME – Apesar de serem funções bem distintas, desenvolvemos um trabalho junto com o diretor geral do estabelecimento, o Sr. Roberto Ferreira, que cuida da parte burocrática frente à escola e as divisões de tarefas. Quanto a minha pessoa, cuido mais do trabalho com os alunos por ser e estar mais próximo deles.

JÚLIO – Antes de ser educador, exercia outra profissão? Qual?

JAIME – Até antes de ser educador, exercia todas as funções. Algumas paternais e outras maternas, mesmo em minha infância. Já trabalhei de pedreiro, eletricitista, encanador e ainda faço esses trabalhos extras porque gosto de fazer.

JÚLIO – Há algum motivo específico que o levou a trilhar os caminhos da Educação?

JAIME – Sim. Quase toda minha família é da área da educação e desde novo quis ser educador, pois sempre gostei de esporte e também tive o incentivo em casa. Isso fez com que me apaixonasse ainda mais pela carreira de docente.

Observamos também que os alunos não se apropriaram de uma regularidade da entrevista que é a inserção do olho, embora esse aspecto tenha sido explorado no decorrer das oficinas. Algumas entrevistas não receberam título e alguns aspectos foram acrescentados na revisão final do texto, como pontuação e os elementos coesivos.

A apropriação da situação de interlocução na entrevista face a face foi satisfatória. O grupo, de modo geral, conseguiu compreender as singularidades de cada etapa do processo de produção do texto que engloba: uma pesquisa prévia sobre o perfil do entrevistado, a elaboração de perguntas possíveis foram realizadas com sucesso, o agendamento e efetivação da entrevista face a face e a foto do entrevistado.

Já na apropriação dos aspectos textuais e linguísticos, no processo de retextualização, observamos uma dificuldade maior por parte dos alunos. Ao lidar com o processo de análise linguística, os alunos teriam que fazer opções, selecionar esta ou aquela pergunta, fazer cortes e adequações necessárias. Nesse momento, a intervenção e mediação da professora regente foi fundamental, pois assumiu o papel de editora e revisora do texto.

Para a produção escrita da entrevista pingue-pongue foi necessário a leitura de vários gêneros que inserem a entrevista face a face, como: a notícia e a reportagem, onde o discurso do entrevistado aparece em forma de discurso citado, bem como o gênero entrevista pingue-pongue dispostos em jornais e revistas.

De modo geral, o estudo da língua no gênero proporcionou ao aluno uma reflexão sobre os fatos linguísticos em foco (as vozes que aparecem no texto, discurso direto e indireto, aspectos textuais, as marcas da oralidade, variantes

linguísticas, pontuação, conjunções coordenadas e subordinadas, perfil dos interlocutores).

Esse trabalho foi relevante para os alunos compreenderem que quando se escreve um texto é necessário fazer a reescrita e, desse modo, compreender a produção de textos como processo e não produto. É o que propõem Marcuschi (2010) com as atividades de retextualização de textos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração didática relatada oportunizou aos alunos do campo o uso e reflexão acerca de práticas discursivas tanto orais como escritas, possibilitando a compreensão das intrínsecas relações entre essas duas modalidades da língua. E, por conseguinte, ampliou as competências linguísticas dos alunos fazendo-os compreender e valorizar as diferentes variedades linguísticas que existem em seus contextos interlocutivos.

É importante ressaltar que, na produção escrita bem como na produção oral, conforme Silva (2011) é necessário que o aluno dirija a sua voz (texto) a um interlocutor real para que o objetivo discursivo seja alcançado. Por isso, ao saber da veiculação dos textos produzidos, os sujeitos se implicam de modo mais efetivo na produção, uma vez que percebem que a elaboração de textos não foi somente um exercício de escrita com vistas à avaliação.

Em suma, o trabalho com o gênero entrevista pingue-pongue estimulou os alunos a refletirem sobre a produção oral e escrita como um processo contínuo de leitura e reescrita de textos, proporcionando assim a apropriação de práticas de linguagem relevantes nos contextos letrados contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUSSARELLO, Jorge Marcos. **O ensino/aprendizagem da produção textual escrita na perspectiva dos gêneros do discurso: a crônica**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. -“Pesquisa com gêneros do discurso na sala de aula: resultados iniciais”-. In: **Acta Scientiarum – Language and Culture**, v.30, nº 2, 2008. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6004/6004>>.

Acesso em: 13/04/2013.

SILVA, Nívea Rohling da. **O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

_____. **A Elaboração Didática dos Gêneros do Discurso no Ensino Superior: possibilidades e limitações de uma prática**¹. 2011. Anais do SIGET. Disponível em:

<[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/N%C3%ADvea%20Rohling%20da%20Silva%20\(UFSC\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/N%C3%ADvea%20Rohling%20da%20Silva%20(UFSC).pdf)>. Acesso em: 02/07/2014.